
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – NCHS

105

R
E
V
I
S
T
A



106

R
E
V
I
S
T
A



TERRA E CULTURA - Ano 31 - Edição nº 61

ADOLESCÊNCIA: um modo de ser e de se viver na contemporaneidade

Thyago H. Costa Rossini²¹
Erica C. Pereira²²

RESUMO

Este artigo problematiza a adolescência, que é uma fase do desenvolvimento peculiar focada em conflitos de identidade, sociais e corporais. Além disso, o contexto psicossocial tem enaltecido a adolescência como se esta fosse um ideal de vida para as pessoas adultas, isto é um modo de se viver e de ser dos adultos. O propósito é discutir como tem ocorrido o processo da adolescência com os jovens situados na contemporaneidade, e em seguida refletir como os adultos incorporam a adolescência enquanto um estilo de vida, que por vezes se transforma em impasses subjetivos imposto pela sociedade contemporânea. As principais fundamentações teóricas serão autores da psicologia social e do desenvolvimento, sociologia em interface com a abordagem psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento; adolescência; subjetividade; contemporaneidade.

ABSTRACT

This article discusses adolescence, which is a peculiar phase of development focused on identity conflicts, social and physical. In addition, the psychosocial context has praised adolescence as if it were an ideal of life for elderly people, this is a mode of living and being of adults. The purpose is to discuss as has been the process of adolescence to young people situated in the contemporary world, and then reflect how adults incorporate adolescence as a lifestyle, which sometimes turns into subjective impasses posed by contemporary society. The main theoretical foundations will be authors of social psychology and development interface in sociology with the psychoanalytic approach.

KEYWORDS: development; adolescence; subjectivity; contemporaneity

Nossos adolescentes atuais parecem amar o luxo. Têm maus modos e desprezam a autoridade. São desrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando pelas praças. São propensos a ofender seus pais, monopolizam a conversa quando estão em companhia de outras pessoas mais velhas; comem com voracidade e tiranizam seus mestres. (SÓCRATES)

107

A epígrafe apresenta a visão sobre o período da adolescência. Parece típico desta fase a crítica aos mais velhos, comportamentos inaceitáveis socialmente, ações excêntricas e desrespeitosas. Desvalorização dos costumes e crenças instituídas, como se na adolescência tudo pudesse ser inovado ou diferente ao que já existe.

Como se vê a adolescência ganhou um caráter pejorativo e negativo nos últimos tempos. Por isso, a fala apresentada pelas pessoas em geral sobre os adolescentes ou a fase da adolescência são “*os adolescentes são rebeldes*”, “*eles não sabem o que querem*”, “*são esquisitos, estranhos*”. Alguns termos irônicos também são frequentemente usados para se referir a esta fase como: “*aborrescentes*”, “*contestadores*” ou ainda “*a fase do contra*”. Assim, ao analisar o estrato histórico do desenvolvimento humano, verifica-se que os comportamentos e as motivações para os rompantes afetivos, a personalidade excêntrica ou mesmo os conflitos familiares são mudanças significativas que aparecem com maior frequência nesta fase da vida.

O artigo se propõe de maneira breve a retratar a adolescência e suas dificuldades, sobretudo num mundo onde na fase adulta se valoriza cada vez mais as características adolescentes. Na sociedade vigora um contrassenso de que a adolescência pode ser mais que uma fase do desenvolvimento, aquela pode se tornar um modo de existência.

21 Ex-aluno do curso de psicologia da Unifil. Apresentou este artigo para conclusão de estágio realizado em Clínica Psicanalítica atendimento para grupos ou família.

22 Foi supervisora do estágio Clínica Psicanalítica atendimento para grupos ou família, e orientadora deste artigo.

O *estar* na adolescência

A adolescência pode ser compreendida enquanto um fenômeno psicossocial, o qual está vinculado ao meio em que o jovem se desenvolveu. Somente a partir da multiplicidade de perspectiva torna-se possível compreender este período de intensa transição da fase infantil para a fase adulta (OUTEIRAL, 2003).

Assim como na infância, na adolescência existe um sujeito psíquico e de direitos garantidos pelas políticas públicas. É necessário garantir que o adolescente consiga falar sobre suas demandas, e ao mesmo tempo escutá-las ajuda na implicação com suas dificuldades, necessidades e angústias (CIRINO, 2001). O objetivo é dar voz, fala e escuta ao adolescente, ao contrário de ignorá-lo ou taxá-lo com termos pejorativos.

Nas palavras de Debesse (1946, p.15-16),

Erro pensar que a juventude muda conforme as épocas...acreditar que ela se identifica com sucessivos vestuários de empréstimo e que cada geração tem sua juventude é uma ilusão de moralista amador e apressado [...] por de trás do aspecto da juventude existe a juventude eterna, notavelmente identificada a si própria no decurso dos séculos.

Debesse (1946) aponta que a adolescência transpõe as características específicas de uma geração. A juventude apresenta uma ilusão da vitalidade, onipotência, e uma fonte inesgotável de vários possíveis, mas que independente do momento sócio-histórico, porque a adolescência estão as voltas com sua eterna potencialidade da juventude. Isso é algo temeroso e ao mesmo tempo invejado pelos adultos, que se sentem perdidos e confrontados com as marcas que o tempo aplaca sobre a existência.

108

De acordo com Debesse (1946), a juventude é hipervalorizada havendo uma ideia de que é o período auge da vitalidade, saúde e exercício da sexualidade. Existe na sociedade e, inclusive, nas famílias uma necessidade de manter os ideais e as práticas da juventude. Isso é verificado nos comportamentos dos pais, que tentam competir com a juventude dos filhos adolescentes.

Segundo o autor, a adolescência não é uma simples passagem entre a infância e a idade adulta, mas possui uma mentalidade própria com um psiquismo característico dessa fase. Entretanto, em muitas famílias os pais não superaram os conflitos da adolescência resultando em conflitos com os filhos.

Nesta fase é gerada uma oscilação entre dependência e independência em relação aos pais, o que acarreta em uma ambivalência de sentimentos e atritos nas relações familiares (CARTER; MCGOLDRICK, 2001). As mudanças corporais também são um importante fator que propicia a necessidade de buscar uma nova identidade.

Knobel (1996, p.142) aponta que adolescência será marcada pela normalidade quando:

Psicologicamente, podemos ver o adolescente 'normal' buscando sua identidade, ansioso e inquieto, tratando de modificar os vínculos que o ligam à infância e aos pais de sua infância, numa luta que se torna turbulenta. Crises morais e religiosas, mudanças frequentes de humor e estado de ânimo, intelectualizações e fantasias, rebeldia, deslocamento temporal, agressividade contra o mundo dos adultos, o impulso à homossexualidade, que leva o jovem a uma definição sexual para a qual nem ele nem a sociedade parecem estar preparados, caracterizam a 'normal anormalidade' do adolescente.

A partir disso, a adolescência deve ser tomada como um período transitório, no qual o jovem precisará consolidar sua personalidade e estabelecer uma “identidade adulta” própria.

Por isso, as crises de identidade são características desse período. Erickson (1972) desenvolveu o conceito de crise ou conflito para as etapas de desenvolvimento das pessoas. O autor entende que a transição da “identidade da criança” para a “identidade adulta” é permeada por conflitos compatíveis e estruturantes ao desenvolvimento humano. Para ele existe uma energia ativadora do comportamento que é de natureza psicossocial, ou seja, as pessoas mudam não somente por razões biológicas (inatas), mas a partir dos fatores sociais aprendidos em diferentes contextos. Nesta perspectiva, a mudança será positivada ou negativa de acordo como o ambiente (meio cultural) lida com seus adolescentes.

Frisando as incertezas é que se desenvolve o conceito de crise para Erickson (1972). Tais incertezas e indagações são a forma pela qual o adolescente busca descobrir quem é, e o que virá a ser no seu futuro. Somente através da tomada de consciência de si, do seu ego e de que está apto a assumir sua verdadeira identidade, que o adolescente consegue respostas para suas inquietações.

São através das crises que o sujeito tem a possibilidade de se desenvolver, estes são momentos de escolhas ou ainda de regressão. Tais crises somente serão superadas, quando as indagações que as causaram forem respondidas pelo próprio sujeito, diante das questões: *quem sou eu ou o que serei?*

Diante disso, são válidas as seguintes palavras:

Em termos psicológicos, a formação de identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para ele; enquanto que ele julga maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele (ERICKSON, 1972, p.21).

109

As preocupações sofridas pelo adolescente na tentativa de encontrar um papel social geram uma crise de identidade, e ao valorizar demais a opinião alheia o adolescente acaba mudando seu comportamento e subjetivamente, remodelando sua personalidade muitas vezes em um pequeno espaço de tempo.

Carter e McGoldrick (2001) pontuam que o contexto familiar assim como a posição masculina e feminina trazem à tona conflitos intergeracionais e culturais, nos quais os adolescentes acabam se rebelando pela posição tradicional ocupada pelas pessoas da família. As autoras exemplificam com a posição das adolescentes que vivem numa família machista ou que culturalmente limitam a independência das filhas. Portanto, isso pode ser particularmente estressante.

As autoras assinalam que a crise de identidade é vivenciada conforme os papéis e gêneros são delineados na sociedade. Isto é, existem diferenças básicas na estruturação da identidade sendo que mulheres e homens se apoiam mais em determinadas características para se individualizarem. Ainda, revelam que: Esta inconsistência nas expectativas de papel torna a consolidação do gênero especialmente difícil para as mulheres durante a adolescência, quando este processo parece estar acentuado. (CARTER; MCGOLDRICK, 2001, p. 227)

R
E
V
I
S
T
A

Apesar de a construção da identidade ser um processo interno do adolescente, a contribuição de pessoas significativas para este é extremamente importante. Erickson (1972) não compreendia a construção da identidade como algo rígido. Para ele, aquela ocorre ao longo da adolescência, porém de maneiras diferentes entre cada sujeito, podendo ter muitas variações.

O ciclo vital está entre as indispensáveis coordenadas da identidade, pois partimos do princípio de que o sujeito somente desenvolve os requisitos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para atravessar a crise de identidade emplacada pela adolescência. Contudo, podemos falar da crise de identidade como o aspecto que leva a construção de novos conceitos e ocupações sociopolíticas (CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

Para Erickson (1972), o processo de aprendizagem, apesar de ser mais intenso na adolescência, dura a vida toda. Sendo assim, a personalidade não é vista de uma maneira rígida, muito pelo contrário, o indivíduo reorganiza os seus elementos a cada nova experiência, e é de suma importância o adolescente fazer uma integração de seu passado e perspectiva de futuro através do processo de recapitulação e antecipação.

Neste sentido, a adolescência será considerada patológica quando, a família tende a lidar com os conflitos de modo negativo. Isto é, a adolescência será considerada patológica quando houver irresponsabilidades, exageros, fanfarrices e sentimento de desajuste, não pertencimento, isolamento social podendo desenvolver ansiedade, angústia e quadros psicopatológicos (KNOBEL, 1996).

Em consonância a isto, Pichon-Riviére (1998) assinala que num grupo familiar há a tendência dos membros da família eleger um *bode expiatório*, que corresponde ao membro identificado no grupo como o portador de um problema ou doença. Nessas situações, é comum a família transferir inconscientemente para o adolescente um conflito ou crise preexistente no âmbito familiar de modo a evitar a angústia ou ansiedade. O resultado disso para o jovem, é sentir-se fora do grupo familiar ou assumir a culpa, intensificando a rebeldia, os conflitos na comunicação familiar e quadros psicopatológicos.

No desenvolvimento humano, o processo de separação e individuação são relevantes para a superação das fases psíquicas e cognitivas do desenvolvimento, sobretudo na adolescência, período no qual se busca o ganho da autonomia em relação ao sistema familiar. Sobre isso, considera-se a seguinte citação:

[...] a individualização é o processo de busca de sua própria identidade e transcorre na intimidade do adolescente. Já o processo de individuação ocorre com a separação emocional que o adolescente faz em relação às figuras de maior influência sobre eles até então, que são seus genitores. (OSÓRIO; VALLE, 2009, p. 354)

Sendo assim, a separação evidenciada na adolescência pressupõe a existência de vínculos prévios, pois a ruptura só ocorrerá quando o jovem faz parte de algo ou está vinculado a alguém.

Osório e Valle (2009) apontam que num sistema familiar, a crise da adolescência que é considerada a crise individual pertencente ao desenvolvimento colocando em crise toda a família. Conforme, [...] Falceto (1996), a crise da adolescência não diz respeito a uma crise no desenvolvimento de um indivíduo, mas uma confluência de crises, envolvendo vários elementos do sistema familiar. (OSÓRIO; VALLE, 2009, p.352). Existe um paradigma familiar, ainda

110

R
E
V
I
S
T
A

um conjunto de histórias, crenças, simbolismos e valores que vão se diferenciando e se singularizando ao longo do tempo. Assim, as crises da adolescência podem culminar e ser concomitante a crise do ciclo familiar.

Por outro lado, a adolescência será considerada como experiência positiva quando se busca pela compreensão e contradição do mundo adulto, afirmação das próprias características e comportamentos. Vivenciar e manejar os impulsos que possibilitam realizações, desejos e também as rejeições (KNOBEL, 1996). A mudança do jovem e da família podem acarretar na dificuldade de aceitação; por parte dos pais, há o desencadeamento da depressão em razão da perda do filho; e por parte do jovem, o sentimento de que perdeu sua primeira fonte de amor e afeição (CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

Outra preocupação dos estudiosos a respeito da superação da fase da adolescência, é sobre o acolhimento desse processo na dinâmica familiar. Às vezes, existe a cobrança de que o jovem cresça rápido, seja responsável e não se envolva com problemáticas mundanas, como as drogas e sexualidade irresponsável. Osório e Valle (2009) ressaltam que o jovem-simbótico, entendido como àquele com extrema ligação afetiva ao núcleo familiar ou a figura materna/paterna, ainda considerado o “filhinho querido”, tende a procurar uma solução paradoxal para lidar com a baixa autonomia, dependência afetiva e insegurança. Através da aliança com outras formas de prazer, como a droga ou diferentes circuitos sociais. Revelando-se uma falsa independência o que acarreta numa pseudo-indivuação.

Portanto, as mudanças físicas, sexuais e psicológicas causam um choque cultural entre as diferentes gerações, podendo ser agravada com a escassez de tempo dos pais para com seus filhos. O desencontro afetivo leva a concretização das fantasias, sentimentos e angústias imprimindo a esta fase do desenvolvimento sentimentos negativos. Sendo assim, a presença e acolhimento das pessoas vinculadas ao jovem nesta fase, ajudam para uma melhor superação havendo menor sofrimento psíquico.

Um modo de existir adolescente

Atualmente, o modo de vida buscado pelas pessoas com “identidades adultas”, que supostamente já tenham superado a fase da adolescência se voltam para atributos característicos da adolescência, tais como: jovialidade, disposição, vigor sexual, vitalidade e flexibilidade. Nesse momento, é como se as pessoas desejassem todas àquelas características psico-físicas, porém situadas em outra posição subjetiva, identitária e familiar.

Tem sido comum adultos com “identidade adolescente”, ainda, que se consideram “modernos” ou “liberais”. Entende-se que hoje “o jeito *aborrecente* de ser” virou um modo de existência para muitos adultos. O fato da adolescência ser um episódio transitório no desenvolvimento faz com que esse modelo de existência também seja igual para a subjetividade das pessoas. Simplesmente pela razão de que o consumismo impõe uma transitoriedade material e subjetiva. Logo, a moda e todas as suas alegorias (consumismo, estilo de vida, bens materiais) se transformam junto com as subjetividades havendo consonâncias significativas.

Silva (2005) afirma que a subjetividade é um espaço relacional - de um sujeito com outro; ou de um sujeito com outra matéria. Nesse espaço íntimo do indivíduo haverá um mundo interno no qual será evidenciada sua relação com o mundo social. Corresponde a uma forma de ser no mundo, e é construída a partir das vivências e experiências, sobretudo sociais. Por isso, a pertinência do momento sócio-histórico no qual vivemos. Possibilita

III

R
E
V
I
S
T
A

também ao sujeito uma gama de opções em diferentes frentes, desde as esferas científicas até as cotidianas, sejam estas epistemológicas, paradigmáticas, práxicas, estéticas, éticas e políticas.

Sobre o fazer opções, é que prevalece os ideias contemporâneos. Filho e Martins (2007) sugerem que as escolhas precisam ser éticas, na medida em que esta não é uma apologia a moralidade. Sendo assim, para os autores a constituição da subjetividade pode ser sistematizada e justificada racionalmente a partir de um determinado código ou padrão de conduta, mas não atende a um conjunto de normas e valores, onde se esperam das pessoas posturas condizentes aos modelos prepostos. Ou seja, a dimensão ética é colocar-se na conta, verificar se a escolhas ou opções são singulares, isso acaba atendendo as particularidades de cada uma das pessoas.

Um estilo de vida adolescente pode ser uma escolha ética para alguns. Porém, para outras pessoas gera um ônus, um gasto psíquico de pagar pela etapa da vida não vivida, que não volta ou jamais se recupera. Isso revela o quanto a sociedade precisa aprender a lidar, conviver e compartilhar as variações características daquela fase (KNOBEL, 1996).

Por outro lado, não é possível inferir que as “identidades adultas” padecem de uma crise de identidade. Conforme Silva (2007), o conceito de subjetividade surge para problematizar o de identidade, pois se busca dar conta das diferenças. O declínio do conceito de identidade ocorreu em razão da valorização daquilo que é idêntico, ou seja, tem-se um movimento de repetição, universalização, cujo resultado é o aprisionamento do que é singular e o delineamento de escolhas a-éticas.

Atrelado a isso, Giddens (2002) assinala que o modo de produção está direcionado para um sistema de informação integrado. Igualmente, isso ocorre com a produção das subjetividades. Para o autor, houve a radicalização e universalização das características modernas, sendo ineficaz tentativas de rupturas individuais ou mesmo que ataquem posições privilegiadas sociais.

Giddens (2002) embora seja sociólogo, procurou compreender as consequências da pós-modernidade para a vida subjetiva dos indivíduos. Apoiando-se em alguns teóricos da psicologia, o autor considera que o sofrimento emocional e a ansiedade são decorrentes das tentativas de enfrentamento das atividades massificadas pelo cotidiano. Ou melhor, na infância o sujeito estabelece seus primeiros preceitos de segurança básica (ontológica) na vida. A partir disso, a noção de segurança ontológica pode ficar afetada com as experiências cotidianas em meio a fluidez, competição e alto individualismo (GIDDENS, 2002). Existindo o comprometimento significativo das relações e vínculos sociais.

A fragilidade com que tem acontecido os relacionamentos sociais e afetivos, faz com que os “adultos adolescentes” incorporem no seu modo de vida, posicionamentos condizentes a uma lógica guerreira, que também é de sobrevivência psicológica. Uma postura afirmativa! Isto é, existe a luta contra o envelhecimento, o tempo que passa, as coisas não vividas e que poderão ser vividas, destaque profissional, ascensão social, a luta para não se consumir com o que é retrogrado e velho.

Nessa lógica, a confiança (em si e nos outros) surge como um elemento relevante que dispara no sujeito a importância de se ter crenças. Estas viabilizam ancoragens simbólicas capazes de dar a sensação de segurança e confiabilidade para si. Giddens (1991, p.38) considera que: A confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco, o que não ocorre com a crença. Tanto a confiança como a crença se referem a expectativas que podem ser frustradas ou desencojadas. Sendo assim na pós-modernidade não se trata de maior número

de pessoas desconfiadas, mas corresponde as condições sócio-históricas e políticas capazes de ajudar o sujeito a diluir, pulverizar a sua confiança. Portanto, a diferença está no modo como se torna uma crença individual em coletiva.

Corroborar para esta reflexão, as palavras a seguir:

[...] buscamos alvos substitutos sobre os quais possamos descarregar o medo existencial que foi barrado de seus escoadouros naturais, e encontramos esses alvos paliativos ao tomarmos cuidadosas precauções contra a inalação da fumaça do cigarro de outra pessoa, a ingestão de comida gordurosa ou de 'más' bactérias (ao mesmo tempo em que sorvemos os líquidos que prometem conter as 'boas'), a exposição ao sol ou o sexo desprotegido. (BAUMAN, 2007a, p.17)

O autor ressalta que na sociedade atual os hábitos, as rotinas, as formas de agir e realizar as escolhas são permeadas pela falta de esgotamento em amplo sentido. Pode-se dizer que é a supremacia do inesgotável, a contínua busca pela transformação e superação, pois não se valoriza por muito tempo um estilo, uma moda, uma obra de arte. Por outro lado, a vida se precarizou com demasiada volubilidade (material e subjetiva) resultando em reinícios contínuos, descarte fácil dos objetos/pessoas, vazios existenciais. Por fim, impera um estilo moderno, no qual a corrida pelo novo produz uma “destruição criativa”.

Bauman (2007b) refere que na contemporaneidade a mola propulsora das ações das pessoas, é o medo. Este produz decisões que são responsáveis pelos estilos de vida: o medo de morrer, medo da violência, medo do anonimato, medo da solidão e medo do envelhecimento. Visando aplacar a angústia causada por aquele, os sujeitos passam a viver em estados prisionais, os vínculos sociais se enfraquecem, conseqüentemente ampliam a solidão, insatisfação, mal estares físicos e psíquicos.

Entretanto, o estilo adolescente de muitos adultos os quais são expressos nas aparências, atitudes, comportamentos acabam atendendo as necessidades do sujeito, de ser visto, olhado pelo outro (TOROSSIAN, 2007). É possível que a demanda de *ser visto* seja um organizador simbólico para o sujeito, implantando sentidos e significações para a existência. O mesmo processo acaba transcorrendo de igual forma na fase da adolescência, porque a busca de qualquer sujeito (independente da fase de desenvolvimento) é lidar com a angústia da castração e do Édipo, que são cortes estruturais ocorridas no psiquismo.

Sendo assim, um modo de ser adolescente na fase adulta deve ser um princípio ético e não apenas mais um estilo ou moda. As pessoas estão submetidas ao *olhar do outro*, podem se aprisionar a este, que se impõe como um modo de vida, virando uma espécie de dependência.

Torossian (2007) se remete a toxicomania nos adolescentes para lidar com as dificuldades próprias desta fase. O fenômeno da toxicomania pode ser estendido neste texto para nos referir ao mundo adulto, no qual as pessoas se angustiam, sentem-se aprisionadas e se tornam objetos de um outro. Então, a “identidade adolescente” pode representar um suplemento aos impasses, às questões físico-temporais advindas pelo sofrimento de lidar com a contemporaneidade e a passagem do tempo.

No entanto, as fases do desenvolvimento são necessários e fundamentais para advir um sujeito subjetivo e existente na linguagem, mesmo que seja acometido pelas “marcas de um tempo”. Dunker (2006, p.15) afirma:

113

R
E
V
I
S
T
A

A passagem de um tempo a outro implica em ressignificação dos tempos anteriores, ou seja, uma reformulação completa e regressiva da lógica e dos problemas que vigoravam até então. Podemos dizer que o nascimento do sujeito é um processo lógico no qual se tenta, progressiva e regressivamente lidar com o que se perdeu.

O autor procura estabelecer os movimentos do desenvolvimento edípico na criança ocorridos durante a formação do ego, problematizando a filiação e a solução para a sexuação (DUNKER, 2006). Porém, pode-se afirmar que os adultos que aderem facilmente a lógica perversa da sociedade apresentam uma crise narcísica, na qual o direcionamento dos desejos bem como a identificação dos processos de ruptura resultam no tamponamento das transformações egoicas. Isso significa que a simbolização do corpo, a superação das fantasias atreladas as rupturas vinculares, ainda as escolhas amorosas e relacionadas ao desejo atingem a díade realidade e ego, logo, lidar com as transformações psicossociais exigem adaptação e simbolização havendo papel fundamental no modo de existir.

CONCLUSÃO

O texto teve a pretensão de discutir brevemente sobre a fase da adolescência, e seus principais desdobramentos, no âmbito subjetivo, familiar e social. Embora, considerado um período de muita instabilidade emocional existe a convicção que os conflitos vivenciados são transitórios, encerrando-se com a superação dos mesmos. Por outro lado, pretendeu-se uma reflexão sobre as consequências para a subjetividade adulta das pessoas que adotam um modo de existir adolescente. Faz-se necessário uma intermediação simbólica eficaz entre a realidade atual e o a estruturação subjetiva, que cada sujeito vivenciou ao longo da infância, por exemplo. O objetivo foi compreender o fenômeno psicossocial enquanto característica própria da contemporaneidade, e como isso se coaduna com o posicionamento subjetivo frente a este momento. Portanto, o desenvolvimento humano é complexo e sempre será marcado por diversas crises, afim de lidar com estas, as pessoas vão se arranjando sintomaticamente com o que estiver disponível.

114

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Cap. 1 - A vida líquido-moderna e seus medos. São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2007b.

CARTER, B; MCGOLDRICK, M. (Orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CIRINO, O. **Psicanálise e psiquiatria com crianças**: desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DEBESSE, M. **A adolescência**. São Paulo. Europa- América, 1946.

DUNKER, C.I.L. *O Nascimento do Sujeito*. **Viver Mente e Cérebro** (São Paulo). v.2, 2006, p.14-26.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

-
- FILHO, Kleber P; MARTINS, Simone. **A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s)**. *Psicologia & Sociedade*: 19 (3): 14-19, 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a03v19n3.pdf. Acesso em 4 ago 2014.
- KNOBEL, Maurício. *Orientação familiar*. 2 ed. Campinas (SP): Papirus, 1996.
- SILVA, Nilsa. Subjetividade. In: STREY, Marlene N. (et al). **Psicologia social contemporânea**. Editora Vozes: Petrópolis, 2005, p.168-180.
- OSÓRIO, L.C; VALLE, M.E.P (Orgs). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- OSORIO, L.C. **Adolescente hoje**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- OUTEIRAL, J. **Adolescer** – estudos revisados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TOROSSIAN, Sandra D. **Trajetos adolescentes na construção da toxicomania**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 123-136, jun. 2007. Disponível em: www.pucminas.br/.../DOC_DSC_NOME_ARQUI20080521171952.pdf. Acesso em 13 nov. 2014.